

O PROFESSOR COMO INTELLECTUAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>  
Prof. Milton Santos<sup>2</sup>

Conferência de Abertura do **IX ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO**, realizado em Águas de Lindóia - SP, de 4 a 8 de maio de 1998.

Nos inícios da história, as técnicas e o trabalho eram conformados em sua relação com o meio geográfico. Eram técnicas dóceis às exigências do entorno e do grupo, que assim era capaz de exercer sua política. Esta se define como a escolha, no momento dado, das ações desejáveis e possíveis. E a primeira das ações do homem é aquela sobre o seu entorno, ao qual se chamava, no passado, *natureza*, e que, hoje, podemos chamar *espaço*, na medida em que o entorno do homem é cada vez menos natural. A natureza foi, de alguma maneira, expulsa do espaço do homem, e, o que se põe em lugar dela é um produto da técnica, de tal modo que, nas cidades, e também nos campos - e o interior do Estado de São Paulo é uma prova disso - a realização humana acaba sendo uma ação da inteligência sobre a natureza. É, aliás, também nesse sentido, que vivemos o século da inteligência, porque as coisas resultam da inteligência do homem, sobre as quais a inteligência como ação se exerce.

Hoje, em sua produção, a técnica se subordina a uma criação exógena aos grupos, obedientes a uma demanda de ação que é também bem exógena, comandada pelo que, equivocadamente, mas insistentemente, ainda chamamos de "mercado global".

Essa técnica é, de alguma forma, tornada autônoma quanto à produção local das idéias políticas e quanto à sua concretização como história. Em lugar, pois, de um tempo dos Homens, o que vimos assistindo realizar-se é um tempo da técnica-mercado, isto é, a técnica subordinada a esse "mercado global". A consequência mais importante é que o grupo passa a atuar sem política própria, o que, aliás, é o caso do Brasil hoje, onde o Estado e os políticos renunciaram à política..... e são, afinal, as empresas globais que fazem a política, jogando o Estado, pelos seus aparelhos, à situação de apenas secundar a política exigida pelo "mercado global", ao qual se subordina.

Ao mesmo tempo, essa técnica assim imposta leva a uma crescente separação entre ciência e verdade, entre ciência e saber, ciência e filosofia. Até o começo deste século, quando nos

---

<sup>1</sup> Este texto, ligeiramente modificado pelo Autor, resulta da transcrição de gravação de conferência do Professor Milton Santos, pronunciada a partir de notas.

<sup>2</sup> Professor Emérito da Universidade de São Paulo.

referíamos a "ciência", inclinávamo-nos diante dela, certos do que era portadora da verdade. Hoje, sabemos que freqüentemente ela está em divórcio com a verdade, quando subordinada a razão técnica, que, ela própria, é subordinada ao mercado. Neste caso, escolhe algumas ações e afastam outras e desse modo torna-se distante da verdade. E, sendo cada vez mais algo do interesse das coisas, isto é, do mercado.

Num mundo cada vez mais dominado pela técnica, considerada como autônoma, e pelo mercado, considerado como irresistível, a técnica e o mercado estão se impondo como baluartes da produção e da vida, e penetrando assim, nos fundamentos do ensino.

Devemos estar atentos para Isso. O mundo que nos cerca não é, apenas, uma criação do espírito; ele existe concretamente. É dele, pois, que devemos partir para construir outra coisa, isto é, outro mundo. Será um equívoco colocarmo-nos de fora do mundo, a pretexto de criticá-lo. Ao contrário, o que devemos fazer é tentar uma análise do que o mundo é hoje, porque apenas a partir dessa análise seremos capazes de propor outra coisa. Toda análise é por si só uma crítica. Não há forma de analisar que não seja paralelamente uma forma de criticar, Já que a análise não é nada congelado, nem predeterminado, resultando da apreciação das condições históricas que se realizam em um dado momento. As coisas produzidas devem ser vistas de forma dinâmica, já que a história é jamais repetitiva. Assim também, por mais que alguns dos malefícios da era presente sejam imputados às técnicas, não devemos descuidá-las do nosso interesse analítico, se queremos a partir deste mundo - que é o único que temos - tentar construir outra coisa, outro mundo.

O nosso tempo consagra a união da técnica com a ciência e marca uma grande mudança histórica, com a emergência do que se chama de "tecno-ciência". Agora, e de um modo geral, já não é a ciência que comanda a técnica, mas esta que comanda a ciência. E como as técnicas acabam sendo comandadas pelo mercado, o trabalho de pensamento dos homens torna-se limitado o estreito. É essa a tragédia da atividade científica na era da globalização.

Estamos vivendo, neste ano de 1998, uma formidável mudança de patamar na história da economia mundial, diante das concentrações extraordinárias que se estão dando nas duas áreas centrais da história contemporânea, isto é: a área do dinheiro e a área da informação. Não esqueçamos de que a nossa era caracteriza-se pela tirania do dinheiro e pela tirania da informação, sendo esta indispensável para que se exerça a tirania daquela.

A tirania da informação não é, apenas, a da mídia, porque inclui, também, o nosso trabalho na universidade. Quero insistir nessa tecla, porque o nosso trabalho como professores é a base com a qual se educam e se re-educam as gerações. Quanto mais o nosso trabalho for livre, mais educaremos para a cidadania. Quanto mais o nosso trabalho for acorrentado, mais estaremos produzindo individualidades débeis. É urgente que o ensino tome consciência dessa situação, para esboçar a merecida reação, sem a qual corremos o grande risco de ficar cada vez mais distante da busca ideal da verdade. Sabemos que nunca a alcançaremos completamente, mas essa busca é o nosso destino, o nosso dever e é, também, a forma com a qual encontramos a nação, que tanto espera do nosso trabalho. Do outro lado, fica a ameaça do divórcio entre a função de ensinar e o papel do intelectual.

As conseqüências dessa encruzilhada em que nos encontramos são várias e algumas das razões dessa situação devem ser de alguma forma lembradas.

Esse absolutismo das técnicas, a que nos temos referido, tem muito que ver com a forma como o ensino, hoje, é dado e com a forma como o ensino é hoje um resultado da perversidade dos nossos tempos. Há, em primeiro lugar, esse imaginário das técnicas, um enorme, um extraordinário, imaginário. Um outro dado, levando ao absolutismo das técnicas, é o papel da informação. Todos somos, mais ou menos, seduzidos pelos progressos técnicos, sobretudo na área da informação e, com freqüência, os aceitamos sem nenhuma crítica, como se o progresso técnico valesse por si só e não como função da maneira como a sociedade se organiza. Cremos, também que esse despotismo das técnicas vem do fato de que, neste fim de século, aquilo que, desde o século XVIII, os economistas desejavam e os filósofos temiam, acabou por se dar: a interdisciplinariedade, isto é, a forma como as diversas disciplinas conversam, passou a ser comandada pela economia, em vez de ser comandada pela filosofia. E aí nos encontramos, os geógrafos e os educadores. Os geógrafos sabemos que, seja qual for a ação do homem - técnica, econômica, política, cultural, moral - ela é um dado da criação dos lugares na superfície da Terra. Os lugares abrigam todo tipo de atores - os mais ricos, os mais pobres, as empresas grandes e pequenas, as instituições poderosas e as instituições subalternas - ali formando uma unidade, apesar da diversidade de seus componentes. A interpretação dos lugares - assim unitários e complexos - é, ao seu modo, uma filosofia das técnicas, também empreendida pela Educação. Da mesma forma como pretendemos - os geógrafos - realizar uma tal filosofia, os educadores são também filósofos, quando recusam a aceitar as coisas como se fossem apenas objetos e buscam entender o que dentro delas representa para o homem, na realização da sua história e da sua vida.

Ora, nas circunstâncias atuais, as técnicas parecem exatamente conduzir a algo que se opõe à vida, com a matematização da existência, e a algo que se opõe ao pensamento abrangente, impondo um pensamento calculante, e com este todas as formas de utilitarismos, que conduzem a imediatismos, levando ao banimento da idéia de futuro. Quando, porém, consideramos as técnicas em conjunto com a história possível e não apenas a história existente, passamos a acreditar que outro mundo é viável. E não há intelectual que trabalhe sem idéia de futuro.

Para ser digno do homem, isto é do homem visto como projeto, o trabalho intelectual e educacional tem que ser fundado no futuro. É dessa forma que os professores podem tornar-se intelectuais: olhando o futuro. E para isto é preciso propor tal visão em cada uma das disciplinas, mas não numa pretensa disciplina específica do futuro, como agora estão propondo uma disciplina chamada "educação ambiental"... Não é criando uma disciplina que alcançaremos essa meta, mas levando como ponto de partida, em todas as disciplinas, essa idéia de que nada existe para durar eternamente, de que tudo é movimento e de que o futuro não é um só. O que é um só é o presente, ainda que, nas interpretações, seja vários. Mas, o futuro é, por definição e *a priori*, vários. Sem essa atitude, seremos levados a um pensamento calculante, à matematização das idéias fundada na primazia da técnica, conduzindo a instrumentalismos e reducionismos, em vez de abrangências.

E nada é mais perigoso para cada um de nós, no trabalho de educadores, que as diversas formas de instrumentalização: a instrumentalização pelo mercado, a instrumentalização pelas militâncias, a instrumentalização pela "politicaria", a instrumentalização pelo público, a instrumentalização pela mídia, instrumentalização pela carreira.

O mercado instrumentaliza a partir de lógicas externas à pessoa humana. As militâncias instrumentalizam pela prisão dos slogans e das palavras de ordem. A "politicaria" instrumentaliza pela centralidade dos resultados, o império dos meios. A mídia instrumentaliza convocando o intelectual a produzir manchetes e não verdade, levando-nos a todo custo a ser fáceis e conduzindo-nos à vontade de ser vistos como artistas de *vaudeville*, e não ouvidos naquilo que de sério tenhamos a dizer. Daí os enormes riscos da televisão no trabalho intelectual.

Todos desejamos que o nosso trabalho seja reconhecido: isso faz parte da essência do nosso trabalho, essa vontade e essa necessidade de reconhecimento. Mas, cada vez que nos dobramos a essas diferentes formas de instrumentalização, aí já não somos

intelectuais, porque para ser fácil a todo o custo, aplaudido a todo custo, e para ter o apoio, a todo o custo, de colegas e correligionários, freqüentemente atrasamos a chegada à meta desejada, abandonamos a linha reta da nossa, deixamos de ser sérios.

O intelectual é aquele que resiste, e para resistir tem que ser só. É a solidão a grande arma com a qual podem continuar sendo intelectuais. Cada vez que dizemos "nós", afastamo-nos do ideal do intelectual, porque estamos manifestando a necessidade do aplauso ou da cooptação. O intelectual não é aquele que busca aplauso, mas o que busca a verdade e que fica com ela, a despeito do que sejam, naquele momento, as preferências dos seus contemporâneos.

É fácil entender porque, no fim do século XX, quando a maior parte do trabalho humano se tornou trabalho intelectual, estreita-se a possibilidade de ser intelectual. Por isso, as faculdades e as casas de ensino abrigam cada vez mais letrados e cada vez menos intelectuais. Ser professor não é obrigatoriamente ser intelectual, sobretudo, porque é, freqüentemente, exercer uma repetição, seja como um porta-voz da produção alheia, seja através de uma forma repetitiva de produzir. A globalização agrava essa situação porque traz como uma de suas marcas a difusão de um pequeno número de autores bafejados pelo mercado, e que se instalam no mundo como os atores centrais, e dos quais vem a certificação de validade do conhecimento dos outros. Segundo tais parâmetros, nossa produção intelectual é considerada menos vigorosa, menos forte, menos capaz, menos significativa que a produção de fora, chamada equivocadamente de internacional, quando ela é apenas estrangeira. Estou me referindo às formas como a carreira se organiza neste país, levando-a a tornar-se, ao fim e ao cabo, uma grande inimiga da produção intelectual. Devemos, urgentemente, erguer nossa voz, para reclamar das autoridades universitárias que, entre outros problemas atuais, revejam a questão da carreira, dentro de um quadro mais geral, mais abrangente, agindo como intelectuais, e não como administradores.

Numa universidade autêntica, os administradores apenas governam as coisas. Os intelectuais são inadministráveis. Por isso, eles são o fermento de uma verdadeira vida acadêmica, porque são movidos pela idéia de universidade e pela fidelidade a uma dada universidade. Não há universidade que possa crescer sem crítica interna. Não basta repudiar a crítica externa. É preciso todos os dias exercitar a crítica interna para sermos verdadeiros intelectuais. De outro modo, estaremos limitados à produção e a prática de meias-verdades, ou de verdades interesseiras, que

conduzem à teorias utilitárias e ao império das razões utilitaristas fundadas nas exigências do mercado. Daí, a tendência a transformar todo tipo de ensino em ensino profissionalizante. Quantos de nós, ensinando na pós-graduação, já não ouviu esta frase: "professor, eu não vou ao seu curso, porque o seu curso não interessa à tese que eu estou escrevendo". É exatamente o utilitarismo levado às últimas conseqüências. Com certo ceticismo, pode-se até sorrir, ouvindo isso; e com certo cinismo, pode-se até sorrir complacentemente, quando se precisa do voto do estudante para ser eleito para alguma coisa. Só que esta forma de conivência já é uma demonstração da renúncia a ser intelectual. Continua-se sendo professor, mas se renuncia a ser intelectual. Quando renunciemos à crítica deixamos também, que, dentro de nós, produza-se o assassinato de um cidadão. Este, dotado de existência política, somente pode sê-lo plenamente, ao entender criticamente o mundo em torno. Se assim não entendo o mundo em torno, tampouco sei quem sou, nem posso propor outro mundo, e passo a aceitar comodamente tudo que me mandam fazer. É assim que se criam homens instruídos, mas não educados, desinteressados de qualquer discussão mais profunda, subordinados ao pensamento técnico e à lógica dos instrumentos. mantendo uma fé cega nos ritos já dados, nos caminhos preestabelecidos.

Devemos ter muito claro o que fazer frente a certas solicitações do nosso entorno, das quais mencionarei algumas, já que se estão tornando tendências da moda. Entretanto, a moda não é o modo, mas apenas uma escolha, num modo, ou fora dele, daquilo que é previamente escolhido como comportamento a adotar. O modo é a forma como as coisas se dão ou se podem dar dentro de uma lógica existencial. A moda é instrumental a preocupações interesseiras, tendentes a falsear essa lógica existencial.

Vejamos, por exemplo, as orientações curriculares distribuídas pelo Ministério da Educação, onde se pede, com vigor, um ensino das técnicas, mas propondo que sejam ensinadas como se elas fossem dotadas de um valor absoluto e abstrato. Em si mesmas, as técnicas são um absoluto. Mas as técnicas são nada sem a vida e somente são inteligíveis com a vida. E a vida nada tem de absoluto; é, sempre, um relativo. Quando, naquilo que está escrito nesses famosos volumes, insiste-se tanto em mostrar a importância da técnica hoje, esquece-se, porém, de pedir aos professores que ponham abrangência no seu ensino, mostrando como, a partir da maneira como são elas utilizadas ao longo da história, desde os primeiros tempos até hoje, a técnica apenas ganha significado através da política: a política considerada como exercício da ação humana, a ação possível, ou a ação que se deseja, isto é, o projeto político, ou, então, a ação é feita, isto é, a realidade política. Quando se exclui do ensino esse

elemento histórico e se apresenta a técnica como algo indispensável à vida, mas separando-se do contexto, o que se está fazendo, na realidade, é esconder dos alunos a história do presente que determina uma forma particular de uso da técnica, e não outra, deixando assim, de mostrar aos alunos que essa não é a forma única de seu uso.

Quando também, páginas e páginas referem-se à educação ambiental, o que se está propondo é uma educação ambiental enviesada, uma forma de reducionismo, substituindo a expressão "meio geográfico" pela expressão "meio-ambiente". Quando escrevo "meio-ambiente", posso estar excluindo ou fragmentando a história, propondo uma história parcializada, ou desconsiderando a inteireza do processo histórico ao apresentar uma natureza existindo fora da sociedade. No começo da história humana, a sociedade era contida pela natureza. Hoje, não. A natureza é contida pela sociedade. Por conseguinte, é enganoso o ensino de educação ambiental que escamoteia o fato de que, a cada momento, é sociedade em movimento que dá valor a cada pedaço da natureza. Desse modo, a formação oferecida aos alunos acaba por lhes recusar a condição de poder intervir na produção da história do país. É tempo de multiplicar essa advertência, para evitar que a grande sedução da juventude - e da população em geral - pelos temas da ecologia e, em geral, do chamado meio ambiente, seja canalizada de modo inadequado. Neste fim de século, a natureza, como realidade histórica, não existe por si só. Como o espaço e como o planeta, inteiro, a natureza é objeto do exercício das idéias do homem, do seu trabalho e das suas intenções e paixões.

No pensamento do que o mundo representa para a humanidade, a natureza em si deixou de existir. Vejam o caso do turismo chamado ecológico ... O mais remoto rincão da Terra, aquele que pareça o menos conhecido, está hoje cheio de intenções; pode não ser o domínio imediato do capital, pode não ser objeto de povoamento, mas é sempre objeto de intenções, e estas, num mundo globalizado, fazem parte da produção de uma política global.

O ensino da globalização exige, também, redobrada cautela. Vivemos, neste fim de século, uma forte tendência para o totalitarismo, o que, inclusive, aparece no discurso de certos governantes, quando, por exemplo, nos dizem: "penso assim, se você pensa diferente, você está contra a nação". Então, o desejável papel pedagógico dos homens de governo é substituído por um discurso autoritário, que freqüentemente vai buscar fundamento na chamada "globalização" - a globalização perversa atual - apresentada como um caminho único, quando, na realidade, é apenas uma maneira de fazer a história. Somos, freqüentemente, solicitados a tratar as idéias hegemônicas sobre o mundo atual como se fossem um dogma, aceitando o pensamento único sob os

seus disfarces mais diversos. Esse pensamento único conduz a discussão sobre o mundo a partir de premissas viciadas - a respeito das quais somos convocados a nos pronunciar, em lugar de adotar o caminho correto, isto é, buscar as premissas verdadeiras.

Outro risco que ameaça o professor, separando-o da possibilidade de também ser um intelectual, é o de oferecer um ensino fragmentado, portanto acrítico. Todo o ensino que é separado da história, isto é, do mundo como atualmente ele é, não supõe crítica. Então, por mais que apareça como sendo renovador, ele é repetitivo. O mundo é um conjunto de possibilidades. Nos tempos de Pedro Álvares Cabral, havia um conjunto determinado de possibilidades. Hoje, esse conjunto de possibilidades é outro. O nosso mundo, o mundo nosso contemporâneo, que desejamos entender e temos de ensinar, é um mundo datado, não é um mundo sem data, abstrato. E a data do mundo - sua certidão de idade - são as possibilidades reais existentes em cada momento. Dessas possibilidades, algumas são colhidas por quem as pode colher, e que as colhem como as podem colher, e... outras não o são. No mundo de hoje, os que podem colher as melhores possibilidades são cada vez em número menor e a maioria esmagadora da humanidade fica fora do essencial das escolhas; apenas segue incompletamente ou inutilmente protesta.

O essencial é saber que, entre as possibilidades que o mundo oferece em cada momento, muitas ainda não foram realizadas. Uma análise que pretenda ajudar a enfrentar o futuro deve partir desse fato muito simples: não se pode analisar uma situação apenas a partir do que existe. A análise de uma situação exige que consideremos também o que não existe, mas que pode existir. Não basta nos fixarmos apenas no que não existe, sob o risco de sermos voluntaristas. É indispensável tomar como referência aqueles elementos de construção do novo oferecidos pela história do presente e ainda não utilizados.

Como o futuro jamais é um só, é isso que nos pode unir na tarefa de pensar os futuros e escolher um. Como essa forma de analisar deve ser feita a partir de tudo o que existe, trata-se de uma forma *existencialista* de construção do pensamento. Essa forma existencialista não exclui a emoção. Esta é, na vida dos homens, freqüentemente uma expressão despojada, e é por isso que exclui o cálculo. Os compositores são muito mais expressivos de um povo que os intelectuais acorrentados a uma linguagem escolástica. Mas nós também podemos evitá-la, tentando, através da análise, encontrar caminhos que conduzam a formas de comunicação mais diretas e pessoais, cada vez menos freqüentes entre nós.

O trabalho do professor é arriscado. Quem teme perigos deve renunciar à tarefa do ensino. E se quiser ser ao mesmo tempo professor intelectual, está fadado a correr riscos ainda maiores. Para avançarmos nesta direção, entrevejo algumas possibilidades, seja qual for o tema da nossa conversa com os estudantes, enquanto não nos substituem completamente por máquinas. Em primeiro lugar, urge reconhecer que, em qualquer circunstância. Impõe-se um caminho duplo: da análise para a síntese e da síntese para a análise, porque somente assim estaremos fazendo, ao mesmo tempo, a crítica das situações e a nossa própria autocrítica. Da minha experiência, direi que cada vez que me encontro nessa posição (caminhar da análise para a síntese e da síntese para a análise) descubro que algo está faltando na minha formulação. A crítica obriga à consideração das situações como algo dinâmico, a partir desses dois pólos: a síntese e a análise.

Toda forma de crítica é, também, uma forma de visão dinâmica. É preciso, também, buscar visões sistêmicas para o que aconteceu ou acontece, e oferecê-las aos alunos. O que temos a ensinar a um estudante são situações. E as situações são construções sistêmicas, já que, os elementos de uma dada situação dependem uns dos outros. Isso pode ser oferecido no ensino de maneira simples. Esses sistemas são vivos, dinâmicos. Como as situações são também constituídas por coisas, lembremo-nos de que os objetos não têm vida por si, de modo a preencher esses sistemas de coisas com a história do presente.

Neste fim de século, tal procedimento torna-se bem mais fácil e cômodo. Antes não tínhamos a capacidade de saber cabalmente o que se passava no resto do mundo. Nossa geração tem o privilégio, do que podemos chamar de cognoscibilidade do planeta, com a capacidade de saber o que passa em qualquer que seja o lugar. Devemos tirar partido dessa possibilidade para buscar a construção dos sistemas explicativos das diversas situações. E temos que, através disso, passar do empirismo abstrato, isto é, do valor dado às coisas em si e alcançar uma abstração empírica, isto é, uma generalização que parta do que realmente exista e que não seja um mero produto da nossa imaginação, por mais fértil e mais treinada que ela seja. Será assim, creio, que poderemos construir os novos humanismos, diferentes daqueles do passado, embora a sua essência continue sendo a essência do homem. O discurso de alguns pensadores que a todo preço, trazem exemplos do passado, às vezes nos empolga, mas não nos pode sempre convencer, porque para serem verazes os exemplos devem ter como conteúdo a história do presente. Se os homens para os quais estamos propondo políticas não são considerados como homens do presente, tampouco como homens: são *sombras*. Ora, o trabalho do educador, do professor tornado

educador, é esse trabalho de interpretação do mundo, para que um dia este mundo não nos trate mais como objetos e para que sejamos povoadores do mundo como homens. Muito obrigado!